Dia 15 — Santo Isidro, Lavrador

Santo Isidro, que por sua condição foi um pobre lavrador e por sua eminente santidade o elegeu por padroeiro a corte de Madri, sendo protetor de toda a Espanha, nasceu perto do fim do século undécimo. Seu nascimento foi em Madri, de pais pobres, mas temerosos de Deus, os quais puseram ao menino o nome de Isidro ou Isidoro, pela devoção que tinham a Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha. A humildade de sua família nos ocultou o conhecimento das particularidades de sua meninice: tudo o que sabemos dela é que, quase desde o berço, foi prevenido com as mais doces bênçãos do Senhor e tão inclinado desde logo à virtude que jamais perdeu o candor da primeira inocência.

Ensinado pelo Espírito Santo ainda mais que pelos homens, formou tão elevado e tão claro conceito da santidade de nossa religião, tomou tal gosto a suas verdades e praticou todas as suas máximas com tanta exatidão que sua vida foi modelo de perfeição cristã para toda classe de estados, e sua virtude na condição humilde de lavrador admirou a vila de Madri.

Tendo-se casado com uma virtuosa donzela que se chamava Maria, inspirou-lhe desde logo sua mesma devoção e suas piedosas máximas; e fez esta tantos progressos na virtude que também é venerada como santa. O único filho que tiveram por fruto do matrimônio imitou a piedade de seus santos pais, que lhe deixaram por herança a posse de seus admiráveis exemplos.

Reconhecendo Santo Isidro as virtuosas inclinações de sua santa mulher, propôs-lhe que daí em diante haviam de viver como irmão e irmã; obrigaram-se a isso com voto e desde então foram cada dia mais abundantes os favores que receberam do céu aqueles dois castos esposos.

Como se viu obrigado a manter-se a si e a sua curta família com o trabalho de suas mãos, entrou a servir a um vizinho de Madri chamado João de Vargas, obrigando-se a cultivar-lhe as terras mediante os pactos e o salário em que se concertaram. A nova obrigação não o privou de empregar como antes o tempo que tinha destinado para suas diárias devoções. Madrugava muito e, antes de ir trabalhar, visitava algumas igrejas e particularmente a de Nossa Senhora de Atocha, onde ouvia missa cada dia e fazia com fervor suas acostumadas orações.

Não faltaram muitos que censuraram sua devoção. Como estava assalariado, houve alguns que o acusaram a seu amo de que, em lugar de ir ao campo muito de manhã, como era sua obrigação, andava visitando igrejas, deixando a terra sem cultivo; e de que assim estava mantendo um hipócrita e vadio. Examinou João de Vargas o que lhe diziam e, achando ser certo que seu criado ia todos os dias fazer oração a muitas igrejas, persuadiu-se de que suas terras não podiam deixar de padecer detrimento por uma devoção que tirava ao trabalho as melhores horas do dia. Tendo por

seguro o surpreendê-lo, foi uma manhã ao campo cheio de cólera; mas ficou admirado quando a bastante distância descobriu dois pares de bois extraordinariamente brancos, jungidos a dois arados, que estavam arando aos dois lados de seu criado. A ânsia de saber o que era fê-lo acelerar o passo; mas, logo que se aproximou, desapareceram os bois e os arados. Já se lhe havia temperado a cólera com o que havia visto; mas, crescendo o desejo de saber o que era, saudou seu bom criado com muito carinho e disse-lhe com o maior agrado: «Isidro, dize-me com ingenuidade: quem eram os dois que estavam arando contigo e desapareceram logo que eu me aproximei?» «Eu, Senhor, respondeu o santo, não sei que me ajude outro que Deus, a quem invoco quando me ponho a trabalhar e a quem não perco de vista em todo o dia.» Compreendeu então Vargas o que significava a visão; e, conhecendo também a santidade de seu criado, exortou-o a que prosseguisse em suas diárias devoções, e mais quando reconheceu que em todo o termo não havia terras melhor lavradas que as suas nem que prometessem colheita mais abundante.

Havia recebido Isidro um dom de oração tão elevado que sua oração era uma contínua contemplação. Estando um dia na igreja da Madalena, foram dizer-lhe que acudisse prontamente a socorrer seu jumentinho, porque o ia seguindo um lobo: prosseguiu tranquilamente em sua oração e, saindo depois da igreja, achou o jumento pastando no prado e o lobo morto a seus pés.

A devoção que professava à santíssima Virgem parecia haver-se antecipado ao uso da razão; a Ave-Maria era sua oração predileta; nunca falava da Mãe de Deus senão com entusiasmo e em termos que explicavam bem o terno e o aceso de seu amor.

Sua caridade para com os pobres carecia de limites, tendo-se por um milagre as muitas esmolas que dava; e com efeito fez Deus muitos prodígios para acreditar sua liberalidade e sua confiança. Tendo distribuído um dia aos pobres tudo o que tinha em casa, chegou depois um a quem o coração de Isidro não pôde resolver-se a negar uma esmola. Buscou-a sua santa mulher com a maior diligência e, não a tendo achado, declarou a seu marido que era impossível socorrer aquele pobre. «Não tens confiança, disse-lhe o santo; anda, volta a buscar com mais fé e acharás que dar.» O sucesso acreditou a profecia, porque de repente se achou a casa cheia de uma milagrosa abundância. Acudiu um grande número de pobres, e a santa mulher conheceu a virtude que tem a caridade para fazer eficaz a confiança.

Não só autorizava Deus a caridade de Isidro com os pobres, mas fazia milagres para acreditar sua compaixão com os animais. Indo um dia moer trigo e estando o campo coberto de neve, reparou numa árvore grande multidão de pássaros que estavam morrendo de fome; compadeceu-se deles e, apartando a neve com suas mãos, descobriu um bom pedaço de terra e lançou nela uma grande porção de trigo, dizendo com sua acostumada singeleza e apacibilidade: «Passarinhos, comei, que para todos dá Deus abundantemente.» Um amigo seu que o acompanhava zombou de sua simplicidade e teve-o por um tolo; mas saiu logo de seu erro quando, chegados ao moinho, viu que os sacos de Isidro estavam mais cheios que antes de os haver esvaziado; e o mesmo maligno censor foi depois o pregoeiro desta maravilha.

A boa economia com que governava sua casa, junto com a frugalidade e temperança com que vivia, não só o puseram em estado de não padecer necessidade, mas lhe deram com que fazer esmola aos pobres todos os dias. Nunca deixou de socorrê-los por medo de que lhe faltasse; e,

tendo inspirado a sua mulher a mesma confiança em Deus, o mesmo amor aos pobres e o mesmo desapego dos bens e conveniências da vida, fê-la companheira de suas boas obras e perfeita imitadora de suas heroicas virtudes.

Assim vivia Isidro naquela feliz obscuridade, desconhecido dos grandes do mundo, confundido com os pobres lavradores e contado no número dos que se chamam pouco favorecidos da fortuna, quando quis Deus recompensar a inocência, a devoção e a caridade de seu servo e confundir o fausto e o falso resplendor das grandezas humanas com as honras que lhe tinha prevenidas para depois de sua morte.

Sentindo-se acometido de uma grave enfermidade, conheceu antecipadamente o ditoso dia em que Deus queria terminar a carreira de seus trabalhos. Preparou-se com um novo fervor para aquela última hora; seu semblante sempre apacível e risonho, sua devoção mais terna que nunca, sua afabilidade, sua doçura e sua paciência davam novo lustre a sua santidade. Recebeu os sacramentos com tanta devoção que admirou e fez derramar lágrimas de ternura a todos os que o assistiram na última agonia; enfim, abrasado do amor de Deus, cheio de virtudes e cumulado de merecimentos, morreu no dia 15 de maio do ano 1130, sendo de idade de uns cinquenta e cinco anos, como querem uns, ou de sessenta, como afirmam outros.

Logo que expirou, manifestou Deus a santidade de seu servo com grande número de milagres que fizeram glorioso e célebre seu sepulcro por toda a Espanha. Com tudo isso, por espaço de quarenta anos esteve enterrado o santo corpo sem distinção alguma no cemitério da paróquia de Santo André de Madri, até que, crescendo cada dia o número dos que iam implorar sua intercessão, quis Deus glorificá-lo, tirando-o daquela humilde sepultura e fazendo-o depois glorioso por toda a monarquia.

Apareceu em sonhos Santo Isidro a um conhecido seu e disse-lhe que procurasse fazer tirar seu corpo do cemitério de Santo André para que fosse colocado em lugar mais decente dentro da mesma igreja. Tendo-se descuidado este em fazê-lo, ou por timidez ou por desconfiança, ao ponto foi castigado com uma grave enfermidade de que não sarou até o mesmo dia em que se fez a trasladação do santo corpo. Apareceu depois o santo a uma virtuosa senhora, e esta foi mais obediente. Deu conta ao clero e à autoridade civil; fez-se uma procissão ao cemitério e, ao primeiro golpe de enxadão, tocaram-se por si mesmos os sinos de Santo André e não cessaram até que se concluiu a cerimônia. A este milagre, de que foi testemunha toda a vila, seguiu-se a vista de outro não menos admirável, que subsiste ainda hoje. Tendo estado o santo corpo enterrado no cemitério por espaço de quarenta anos, achou-se tão inteiro e tão fresco como se estivesse vivo. Exalava uma suavíssima fragrância que se deixou perceber de todos os assistentes, os quais não puderam reprimir as lágrimas de ternura e de devoção. Envolveu-se o santo corpo em preciosos panos e, encerrado numa caixa nova, foi solenemente trasladado à igreja de Santo André, onde depois de mais de 580 anos se conserva tão flexível, tão inteiro e com a cor tão natural como no mesmo dia em que se descobriu esta preciosa relíquia.

O tempo que decorreu desde aquela trasladação até agora tem sido uma contínua série de milagres que tem obrado o Senhor por intercessão de Santo Isidro; o que obrigou o papa Paulo V, depois das informações e solenidades acostumadas, a publicar a bula de sua beatificação no ano

de 1619, permitindo que se celebrasse todos os anos a festa do santo nos domínios do rei da Espanha Filipe III, cujo zelo em ativar esta beatificação foi bem logo recompensado. Voltando de Lisboa, caiu tão perigosamente enfermo em Casarrubios del Monte que os médicos chegaram a desconfiar de sua vida. Experimentando-se inúteis todos os remédios, recorreu-se à intercessão de Santo Isidro lavrador. Estava-se celebrando a missa em honra do santo na igreja de Santo André, com assistência de todo o clero de Madri, quando chegou um correio com a triste notícia de que o rei estava sem esperanças de vida, perdido já de todo o conhecimento. Foi geral a consternação; mas a confiança no santo moderou as lágrimas, sobretudo quando se divulgou na vila que, a instância dos magistrados, se havia de levar a caixa do santo corpo ao quarto do rei enfermo.

Fez-se esta cerimônia eclesiástica com a maior pompa e solenidade, tanto que mais parecia triunfo que procissão. Colocou-se a caixa sobre uma espécie de carro triunfal, magnificamente adornado; ia a cavalo toda a nobreza e todo o clero, com tochas acesas nas mãos; seguia-se uma prodigiosa multidão de coches e carruagens com muitos coros de música e um imenso povo que se aumentava continuamente. Meia légua antes de chegar à casa real incorporaram-se mais de seis mil pessoas, entre eclesiásticos, religiosos e seculares, que haviam acudido processionalmente dos povos circunvizinhos. O príncipe herdeiro saiu a receber a santa relíquia com toda a corte até a entrada do parque e a acompanhou até o quarto do rei seu pai, onde estava toda a casa real. A caixa, conduzida em ombros dos quatro eclesiásticos mais autorizados da igreja de Madri, colocou-se numa espécie de trono debaixo de um magnífico dossel. O rei, que milagrosamente havia ficado livre de febre desde que a caixa saiu da igreja de Santo André, achou-se inteiramente curado logo que entrou em seu quarto a relíquia. Restituiu-se esta a Madri com igual triunfo; acompanhavam-na mais de seis mil pessoas a cavalo com tochas nas mãos, e entrou na vila entre o estrondo da artilharia e o repique geral de sinos. A nenhum monarca se tributou jamais tanta honra nem se fez recebimento tão solene como àquele pobre lavrador: tanto se faz respeitar de todos a santidade. No ano seguinte colocou-se o santo corpo em outra caixa mais suntuosa, de prata, que custou mais de dezesseis mil pesos de ouro; e todo o ano se passou na corte de Madri em festas públicas, com extraordinária magnificência, tanto no adorno das ruas como no dos templos. Finalmente, o papa Gregório XV, a instâncias do rei Filipe IV e para satisfazer os vivos desejos de toda a Espanha, procedeu solenemente a sua canonização no dia 22 de março do ano de 1622; e não se pode explicar a alegria e a magnificência dos povos em celebrar a festa deste santo padroeiro da vila e corte de Madri e protetor especial de todo o reino.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Isidori confessoris tui annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade do bem-aventurado Isidro, vosso fiel confessor, dai-nos graça para que, celebrando a nova vida que recebeu no céu, imitemos as ações que executou na terra. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico), e a mesma do dia 12.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Jesus, neto de Jesus, filho de Sirac, autor do Eclesiástico, traduziu este livro do hebraico ao grego no tempo de Ptolomeu Evérgetes. No que toca à tradução latina, não se sabe, falando a rigor, qual é seu autor nem o tempo em que se fez. Sabe-se contudo que é muito antiga e que foi feita nos primeiros séculos da Igreja, pois a citam os primeiros padres na mesma conformidade em que a vemos hoje.»

Reflexões

Parece paradoxo, e é uma verdade inegável, que a condição dos ricos não é a mais invejável nem a mais feliz. Sem falar dos cuidados, dos pesares, dos sobressaltos que trazem consigo as riquezas,

quantos estorvos, quantos tropeços se atravessam com elas no caminho da salvação?

Logra-se um emprego, um título, uma renda que nos distingue do comum do povo; raras vezes resulta em favor da virtude esta distinção. Levanta-nos do pó uma rica herança, um bom sucesso; ao instante nos esquecemos do que fomos. O amor-próprio sempre faz fortuna com a pessoa. Veem-se raras vezes que o orgulho, a delicadeza e a diversão se separem da prosperidade. Parece que o regalo, a indevoção e a ociosidade são hoje em dia as melhores provas de nobreza, singularmente nas mulheres do mundo. O abuso é intolerável, não se pode negar: mas deixa por isso de ser menos autorizado pela multidão? Oh, e com quanta razão tem o sábio por uma espécie de prodígio um homem que conserva sua inocência em meio do esplendor e da abundância! Desenganemo-nos: tudo é de temer quando tudo nos lisonjeia.

Na prosperidade do mundo tudo é tentação, tudo perigo. A autoridade disfarça o delito, a suntuosidade o atrai, a adulação o domestica e a abundância o sustenta. Em meio desta região de gostos e de prazeres, poder-se-á prudentemente esperar uma pronta conversão para a dor e para a penitência? É mister que um homem rico e pecador deixe de viver como rico se há de viver como penitente. E acham-se hoje em dia muitas conversões destas? Segundo o espírito do Evangelho, quanto mais rico é um cristão, mais mortificado deve ser; isto é, quanto maior é sua abundância e mais facilidade tem de lograr todos os seus gostos, maior deve ser seu esmero em cercear as conveniências da vida. O pobre não tem tantos sacrifícios que fazer; mas o rico não pode ser discípulo de Jesus Cristo senão com esta precisa condição. Será esta doutrina do gosto de muitos? Mas deixará por isso de ser doutrina de Jesus Cristo? Todas aquelas grandes máximas de renunciação, de despojo ou de mortificação serão porventura unicamente para os pobres, que já por seu mesmo estado se veem despojados destas preciosas superfluidades? E os ricos, a quem principalmente se dirigem estes oráculos, poder-se-á crer que os têm por artigos de fé quando não põem limites a sua cobiça; quando em sua mesa não há delicadeza que os satisfaça, em seus móveis não há magnificência que os contente, em seu séquito e em sua profanidade não há ostentação que de todo os encha? Quem não dirá que a delicadeza, a ociosidade, o regalo, a irreligião e a licença devem crescer em proporção dos bens que se possuem? O certo é que de ordinário não têm outra medida nem outra regra. *Væ qui opulenti estis in Sion, et confiditis in monte Samariæ!* Ai de vós, os que em Sião lograis a abundância de tudo e por isso colocais toda a vossa confiança no monte de Samaria! Falemos claro: uma vida deliciosa nunca foi vida cristã. Os gostos deste mundo são em parte o caráter dos réprobos. *Væ vobis divitibus!*, diz o Salvador: Ai de vós, ricos, pois já recebestes vosso prêmio! Coisa estranha! Não há condição no mundo onde haja maiores perigos para a salvação, mais violentas tentações, mais poderosos estorvos; precipícios por todas as partes, novas dificuldades a cada passo e quase a cada passo uma queda; e com tudo isso não há condição na vida onde se esteja com maior tranquilidade e nenhuma mais invejada; de sorte que hoje mais que nunca nos vemos obrigados a dizer: *Bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro nem pôs sua confiança no dinheiro, nem nos tesouros, nem nas riquezas. Quem é este, e o louvaremos?* Porque verdadeiramente é um prodígio. Prova isto que têm fé e que se salvarão muitos ricos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo que o do dia 12.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Que frutos espera Deus de nós

Primeiro ponto

Considera que por frutos que espera Deus de nós não se entendem certas devoções secas e estéreis, certas exterioridades de virtude que de ordinário só servem para ter entretidas as pessoas imperfeitas, mantendo-as numa vida tíbia, na qual, em favor daqueles aparentes sinais de piedade, vivem cheias de grosseiras imperfeições e morrem muitas vezes impenitentes. As virtudes de perspectiva desta espécie de gentes, quando muito, são folhagem; isto é, umas belas aparências que deslumbram os olhos dos homens e a ninguém enganam mais que aos mesmos que as representam. Quão fácil é equivocar-se nisto! Quando não se tem mais que uma devoção superficial, julga-se ser efeito da virtude o que somente o é ou da paixão disfarçada ou do gênio ou da educação.

Por frutos dignos de penitência, como os chama São João, ou por frutos do Espírito Santo, segundo a expressão de São Paulo, entendem-se os efeitos de um amor de Deus real e sincero e de uma perfeita caridade com o próximo: entendem-se aqueles frutos que produz uma virtude verdadeiramente sólida, isto é, um sumo horror aos menores pecados, uma insaciável fome da justiça, uma mortificação constante e generosa, uma sinceríssima humildade de coração, uma grande pontualidade no cumprimento das obrigações correspondentes ao estado de cada um; entende-se um aborrecimento verdadeiro de tudo o que aborrece Jesus Cristo, um singular amor de tudo o que ama; entende-se a vitória das paixões, a reformação dos costumes, enfim, uma vida constantemente cristã. Este é o sentido destas palavras: *Facite ergo fructus dignos pœnitentiæ:* fazei frutos dignos de penitência; isto é, mostrai em todas as vossas obras e em todo o vosso porte que estais verdadeiramente convertidos.

Considera agora se levaste até aqui muitos destes frutos. Os dias e os anos passam rapidamente; muitos se acham já à vista da sepultura; quantos haverá que não chegarão ao fim deste ano? E que provisão têm feito para a eternidade? O supremo Juiz está já para substanciar o processo. E há quem durma! Há quem se divirta! Há quem pense em tudo menos nisto! Ó meu Deus, e quantas árvores estão já com o machado à raiz para ser cortadas e lançadas ao fogo!

Segundo ponto

Considera com quanta bondade, com quanto cuidado nos tem cultivado Deus. Faz mais de três anos, e talvez mais de dez, que está trabalhando o Senhor para que demos frutos de boas obras. Muitos menos auxílios fizeram o céu encher de grandes santos, e todos eles não bastaram para fazer-me a mim um verdadeiro religioso, nem talvez um bom cristão. Não é por certo culpa da terra em que estou plantado; ela é santa, ela é fecunda, ela dá cento por um; e quantos conheço daqueles mesmos com quem vivo que com os mesmos auxílios que eu recebo produzem copiosos frutos?

Que proveito tirei de tantas missas, de tantas confissões, de tão crescido número de comunhões? Bastava uma só para converter o maior pecador e para elevar uma alma à mais sublime perfeição. Ah, Senhor! Talvez tenha comungado mais de duzentas vezes; talvez tenha celebrado o divino sacrifício mais de mil; e todavia não me emendei de um só defeito. Depois de tanta leitura espiritual, depois de tanta reflexão, depois de tantas devoções, depois de tantos bons exemplos, sou porventura mais humilde, mais caritativo, mais apacível, menos desabrido à minha custa, mais exato, mais observante, mais mortificado? Fiz-me acaso mais religioso e melhor cristão?

Que se fizeram tantas boas máximas de que em outros tempos estava tão imbuído? Havia formado tão nobres projetos de conversão, estava tão desenganado, tão desgostado de todas as vaidades do mundo! Aonde se foi aquela terna devoção, aquela delicadeza de consciência tão requintada? Aonde o fervor dos primeiros anos de minha conversão? Gostava de Deus, causava-me horror o mais mínimo pecado, estremeciam-me as terríveis verdades da religião; e agora nada me faz força. Estas verdades deixaram porventura de sê-lo? Ou são hoje menos terríveis do que eram antes? O pecado deixou de ser pecado ou diminuiu-se sua malícia? E aquele Deus que cada dia me cumula de novos benefícios merece já que o sirva menos ou fez-se menos amável? Ó Deus, e que conta

tão terrível tenho de dar de tantos auxílios como tenho malogrado, de tanto tempo como tenho perdido, de tantos talentos que não empreguei bem!

Estas reflexões assustam, estremecem; mas qual será o fruto delas? Enganamos a outros e enganamo-nos a nós mesmos com o ouropel de algumas boas obras passageiras, com uma ostentação de virtude, com alguma ligeira reforma de que fazemos alarde e à qual nos limitamos, confundindo as graças e as inspirações para converter-nos com a mesma conversão. E a isto se reduz todo o zelo que presumimos ter de nossa salvação eterna.

Dignai-vos, Senhor, ilustrar com vossa graça meu entendimento e mover tão eficazmente meu coração à vista da esterilidade de minha vida que comece desde agora a ser árvore menos estéril e a dar frutos dignos de ser apresentados a vós. Fazei por vossa graça que sejam eficazes meus propósitos de amar-vos e servir-vos, não ocupando por mais tempo inutilmente um terreno que até aqui ocupei tão mal.

Jaculatórias

> *Adhæsit pavimento anima mea: vivifica me secundum verbum tuum.* Sl 118.

Dessecado estou à força de minhas misérias; vivificai-me segundo vossa palavra.

> *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Sl 118.

Sim, meu Deus, minha alma já não pensa mais que em reparar as negligências passadas, observando exatamente vossa divina lei o resto de meus dias.

Propósitos

1. Não nos pede Deus frutos de países remotos; somente são de seu gosto, por assim dizer, os que nascem em nosso próprio terreno. Não é mister sair de nossa condição ou de nosso estado, não é mister buscar outro emprego que aquele em que nos colocou a divina Providência; não é mister aguardar a idade mais madura nem a vida mais tranquila; cada dia e cada hora se pode apresentar a Deus um novo fruto: já um ato de caridade que se exerce, já uma mortificação ou uma humilhação que se padece; ora a vitória de uma paixão que se consegue, ora um sacrifício do amor-próprio que se faz. Poucas horas há em que não se possa praticar algum ato de virtude; e quantos atos de paciência se poderão praticar numa hora! Ó meu Deus, e em quão pouco tempo nos faríamos ricos em bens espirituais se soubéssemos aproveitar-nos de tudo! Não desprezes

ocasião alguma e faze-te familiar este exercício: não deixes passar hora alguma sem oferecer a Deus algum fruto, ainda que não seja mais que um ato de amor de Deus, que em cada hora se pode e se deve fazer muitas vezes. Grande meio para que tua vida seja abundante em bons frutos e para que teus dias sejam verdadeiramente cheios.

2. Examina bem qual é tua paixão dominante; ela te proporcionará muitas ocasiões para exercitar-te em atos de virtude. Tem previstas suas solicitações, previne seus assaltos, aproveita-te de tudo. Não tens alguma inveja, alguma aversão, alguma antipatia? Não há verme mais roedor deste gênero de frutos espirituais. Olha que Deus faz grande apreço deles; não desestimes seu cultivo. Nunca leias livro algum piedoso sem tirar dele algum fruto; e para isso, ao acabar de ler, determina qual há de ser. Aproveita-te dos bons e até dos maus exemplos; o zelo da própria perfeição tem mil indústrias para servir-se de tudo. Cuida muito de que não sejam infrutuosas as instruções e lições que te dão; e procura ter o consolo de não confessar-te nem comungar jamais sem tirar algum fruto da confissão e comunhão.

São Torquato, Bispo e Mártir

O maior de todos os benefícios que pode receber uma nação da mão do Deus das misericórdias é aquele dom celestial e divino sem o qual é impossível agradar-lhe. A fé é entre todas as graças a primeira na ordem e a mais necessária, indispensável para ser contado entre os filhos de Deus e poder entrar na participação de suas misericórdias. Por esta causa todas as nações e províncias celebram justamente a memória daqueles varões que as enriqueceram com a fé e depositaram nelas as verdades do Evangelho. A Espanha, mais feliz nesta parte que quase todas as nações do mundo, não se cansa de manifestar sua gratidão por um benefício tão assinalado, celebrando a memória dos primeiros padres de sua fé em repetidos dias do ano. Não se contenta com dedicar devotíssimas solenidades ao apóstolo Tiago, a quem venera como a seu primeiro mestre; lembra-se também daqueles grandes discípulos seus que, depois de haver visto seu martírio, vieram consumar a obra que o santo apóstolo havia começado.

O principal entre estes varões apostólicos, e a quem constantemente dão todos os manuscritos antigos o primeiro posto e dignidade, é São Torquato, bispo de Guadix, cuja memória celebra a igreja da Espanha neste dia e de cujos feitos e vida se sabe muito pouco mais do que refere a história dos demais Apostólicos. Segundo ela, São Torquato achava-se em Roma ao mesmo tempo que São Pedro e São Paulo difundiam as luzes do Evangelho naquela capital do mundo. Estava o santo bem instruído em todos os mistérios e doutrina da religião evangélica e era capaz não somente de manifestá-la em suas obras, mas também de submeter a ela com sua pregação e seu zelo as nações deslumbradas ainda com as superstições da gentilidade. Sua adesão aos divinos mistérios, sua fervorosa caridade em socorrer os necessitados, seu zelo ardente pela propagação do Evangelho foram outros tantos motivos que moveram São Pedro e São Paulo a pôr sobre seus ombros a pesada carga do episcopado. Conheceram sem dúvida que do conjunto de virtudes e sabedoria que resplandeciam em Torquato não se podiam esperar senão grandes conversões e muitas conquistas em favor do cristianismo. Ordenaram-no bispo e, recebida sua bênção e o ósculo santo de paz, embarcou-se com seus companheiros, dirigindo o rumo àquela região predileta em

que seu santo mestre havia já empregado as primícias de seus suores e trabalhos evangélicos. Ainda que a nau passou pelas costas de Tarragona, que era então o empório que os romanos tinham na Espanha, não teve por conveniente desembarcar naquela cidade; sem dúvida porque, tendo-se publicado a perseguição sangrenta de Nero, considerou que nas grandes cidades, onde habitavam os pretores, haveria maiores obstáculos para semear a primeira semente do Evangelho. Por isso passaram adiante até chegar às costas da Bética, entrando num porto que prudentemente se conjetura ser o de Urci, ou Porto Magno, junto ao sítio que ocupa Almeria atualmente. Desembarcou ali São Torquato com seus companheiros, ardendo seus peitos por começar a grande obra que traziam projetada. Viram os imensos campos que haviam de ser o teatro de sua pregação cobertos de perigos. Consideraram que na Espanha seria mister talvez combater com mais monstros de superstição e idolatria que em outra parte do mundo, porquanto o atrativo de suas riquezas era um convite feito a todas as nações pagãs, que, conduzidas pela avareza, introduziram nela seus vícios e seus erros. Assim se vê que nas moedas da antiga Espanha se encontram os signos não somente da monstruosa religião dos gregos e fenícios, mas também de outra particular e não menos monstruosa em que estava submergido este desgraçado país. Mas, quando a caridade chegou a apoderar-se do coração humano, os maiores perigos não são outra coisa que incitativos para grandes obras. Apenas pôs os pés em terra São Torquato, imediatamente começou a caminhar terra adentro juntamente com seus companheiros, desejoso de encontrar gentes em quem dar feliz princípio a seu grande ministério. Nem o cansaço da navegação, nem o caminhar a pé por lugares escabrosos, nem a desconfiança que é preciso que infunda o ver-se rodeado de terras infiéis e desconhecidas puderam fazer vacilar a constância dos ministros do Evangelho. Muito pouco mais de treze léguas teriam andado quando se lhes apresentou à vista a cidade de Acci, hoje Guadix, na qual determinou São Torquato derramar a primeira semente da fé de Jesus Cristo. Detiveram-se alguns instantes fora da cidade, num sítio que distava dela coisa de um quarto de légua; e, como os ardentes desejos de evangelizar e converter almas para Jesus Cristo não lhes deram lugar para prover-se dos alimentos que traziam na embarcação, foi-lhes necessário enviar alguns que os comprassem na cidade.

Naquele dia celebravam os gentios uma solenissima festa a suas deidades, que segundo o Cerratense eram Júpiter e Mercúrio e segundo outros a deusa Juno; mas, se se há de dar lugar a conjeturas, a festa que em tempos antigos celebrava a Espanha de todos estes santos no dia primeiro de maio prova que neste dia foi seu feliz arribo à cidade de Guadix; e sabe-se por Ovídio que o primeiro dia de maio o tinham dedicado os gentios à festa dos Lares Prestites, númenes que tinham a seu cuidado as casas e domicílios dos gentios. É crível que se achassem na solenidade destas deidades quando chegaram a buscar alimento os enviados por São Torquato: seu aspecto estranho e severo, seu modo de vestir pobre e que denotava distinta profissão; ou, o que é mais certo, o transtorno da razão que havia causado naqueles homens cegos a bebedeira, a gula e a imoderada alegria, que eram os principais ritos com que honravam seus deuses, os tirou de tino e os fez enfurecer contra os santos. Talvez estes, vendo ocasião oportuna de começar a espalhar as luzes do Evangelho e enardecidos com o zelo da honra de Deus, ao ver tributar ao demônio adorações somente devidas ao Fazedor de todas as coisas, explicar-se-iam com veemência contra aqueles ritos profanos. Como quer que seja, Deus, de cuja providência dependem os bons e os maus sucessos, ia preparando um feliz princípio à primeira plantação da fé na Espanha por meio de um assombroso milagre. O povo dos gentios, tumultuosamente conspirado, principiou a maltratar nossos santos e, como estes se dessem pressa a salvar-se com a fuga, a multidão exacerbada

começou a persegui-los com ânimo resoluto de tirar-lhes a vida. No caminho que seguiam os perseguidores e perseguidos havia uma ponte magnífica, de tão sólida construção que todos os documentos antigos convêm em que era capaz de resistir à força dos tempos. Entraram nela os santos e passaram-na felizmente; entraram também os perseguidores e, quando toda a ponte estava cheia deles e já julgavam ter na mão os que perseguiam, aquele Deus a cuja vista estremecem as colunas do firmamento fez que, derrocando-se a um tempo os grandes pilares em que estribava a ponte, viesse abaixo com estrépito envolvendo em suas ruínas todos aqueles miseráveis. Com a morte de tantos infelizes foi universal a consternação que se apoderou dos corações de todos os acitanos. Um salutar terror ocupou o lugar que antes ocupava o furor e a ira e, convertendo-se em respeito e veneração o que antes era abominação e desprezo, determinaram enviar mensageiros aos santos para que passassem à cidade. Entre todos os cidadãos distinguiu-se na piedade e nos obséquios uma nobre matrona cujo nome era Lupária, a qual deu benigna acolhida em sua casa àqueles estrangeiros em cujo favor se manifestava o céu tão generoso. Logo que os teve em sua presença, começou a perguntar-lhes por sua pátria, por sua profissão e pelos fins que lhes haviam feito empreender o perigoso caminho e peregrinação daquelas terras. Gozoso São Torquato pelos bons auspícios de sua expedição e vendo quão boa ocasião se lhe oferecia de começar a grande obra da conversão daquelas gentes, deu conta a Lupária do fim de sua vinda, que não era outro que a conversão e felicidade eterna de suas almas. Disse-lhe que eram enviados do mesmo Jesus Cristo; que este era o Filho de Deus vivo, que pela salvação do gênero humano se havia feito homem, havia pregado uma lei de graça e havia sido crucificado para redimir os mortais da escravidão do demônio; que por encargo deste homem Deus vinham pregar o Evangelho e a remissão dos pecados, a qual conseguiria todo aquele que cresse os mistérios que anunciavam e recebesse o batismo. A graça divina difundiu suas luzes no entendimento daquela nobre matrona para que, à simples proposição de tão sublimes verdades, prestasse dócil sua alma para crê-las e gostoso o coração para abraçá-las. Como havia ouvido que a felicidade que anunciavam não se podia obter por outro meio que pelo batismo, solicitou com ânsia o recebê-lo; mas São Torquato, como o maior e mais venerável entre todos, advertiu-lhe que não podiam comprazê-la em seus santos desejos até que estivesse bem instruída nos principais dogmas da religião; e, enquanto recebia esta instrução, significaram-lhe que seria oportuno construir um batistério onde celebrar aqueles ritos sagrados. A docilidade com que a santa mulher recebia todas as instruções daqueles homens celestiais não permitia crer que alegaria escusas nem andaria com dilações na execução do que lhe insinuavam; e com efeito imediatamente ofereceu suas riquezas e sua autoridade para a construção da obra projetada. Concluída esta, e achando-se Lupária com a necessária instrução dos divinos mistérios, recebeu o santo batismo no batistério que ela mesma havia construído, com um simples aparato de cerimônias sagradas que, ainda que poucas e sem ostentação, tinham em si tal caráter de sublimes e divinas que mereceram a veneração e reverência de todos os espectadores.

Nada há no mundo tão poderoso e eficaz para propagar os bons ou maus costumes como o exemplo daquelas pessoas que por sua nobreza, riqueza e autoridade têm grande ascendente sobre o povo. O haver visto que Lupária, mulher rica, poderosa e de família distinguida, havia hospedado em sua casa aqueles estrangeiros e abraçado sua religião por meio do batismo moveu tão poderosamente os cidadãos de Guadix que todos à porfia desejavam imitar Lupária, já tratando com amor e respeito os varões apostólicos, já recebendo suas salutares instruções com gosto e alegria e, o que é mais, abominando os ritos supersticiosos de suas falsas deidades, até chegar a

destruir as estátuas e demolir seus templos. Em um destes, diz o leccionário Complutense, ergueram uma muito decente igreja, que dedicaram ao glorioso precursor de Jesus Cristo, São João Batista. Já neste tempo se havia transformado Guadix de colônia de cidadãos romanos em colônia de Jesus Cristo; e assim era pouco o que tinham que fazer tantos obreiros do Evangelho numa cidade em que quase todos os seus habitantes haviam submetido o pescoço a seu jugo. Determinaram, pois, repartir-se por outras cidades onde seus trabalhos pudessem render-lhes sazonados frutos; e para este fim elegeram aquelas, entre todas as da península, que, ou por sua maior cultura ou por gozar de um governo mais pacífico, estavam menos expostas à crueldade dos perseguidores do nome cristão. Tendo-se, pois, convindo na maneira com que haviam de proceder na pregação do Evangelho e tendo-se abraçado caritativamente, cada um empreendeu aquele caminho que lhe sugeriu o Espírito Santo.

Ficou São Torquato, como mais antigo, na cidade de Guadix, regendo aquela primeira cadeira episcopal de nossa Espanha. Os copiosos frutos que haviam produzido estes primeiros ensaios na pregação do Evangelho animariam seu espírito para prosseguir com zelo e atividade os começados trabalhos. Continuamente se ocuparia em instruir os fiéis nos divinos mistérios, ensinando os ignorantes, exortando os débeis, enardecendo os tíbios e cumprindo em tudo os deveres de um bom pastor e pai que assinala São Paulo. Como era tão recente a memória do paganismo e os ministros imperiais contraíam um mérito em impedir a propagação de qualquer doutrina que fosse contrária às superstições da gentilidade, é crível que o santo teria por estes motivos frequentes ocasiões em que exercitar sua resignação e sua paciência. Por desgraça nenhum documento autêntico nos deixaram o tempo, as revoluções e a opressão das nações bárbaras de onde possamos deduzir com certidão as virtudes, obras caritativas, pregação contínua e consideráveis trabalhos que deveram ocupar este grande santo; mas a tradição imemorial nos conservou a memória de um milagre que manifesta a particular assistência com que protegeu o céu sua pregação e autorizou sua doutrina. Este era que, tendo plantado à porta da igreja uma oliveira, produzia todos os anos tão copioso e maravilhoso fruto que, tomando dele os fiéis, tinham um antídoto seguro contra todas as enfermidades. Ainda que comumente se atribui a todos os Apostólicos a plantação desta milagrosa oliveira, a singularidade de florescer repentinamente e dar fruto na véspera do dia em que se celebrava em Guadix a festa de São Torquato dá bastante fundamento para crer que a oliveira foi plantada por ele e que em honra sua principalmente manifestava o céu tão grandes maravilhas. Hoje em dia se conserva junto à ermida de São Torquato uma oliveira que denota uma antiguidade assombrosa; mas, ou seja porque não é a mesma que plantou o santo ou porque não seja igual a fé dos cristãos presentes à dos antigos, o certo é que não produz frutos milagrosos. Como quer que seja, os trabalhos de São Torquato mereciam do céu as demonstrações mais claras de proteção, assim como lhe mereceram a graça de dar testemunho da fé que pregava por meio do martírio. Não se sabem as circunstâncias deste; mas se deve presumir que, tendo sido tão sangrenta e cruel a perseguição de Domiciano e estando em Guadix os ministros imperiais a cujo cargo estava o governo civil, julgariam estes que o meio mais oportuno e eficaz para desarraigar a religião de Jesus Cristo e cumprir o decreto do imperador era tirar a vida à cabeça e bispo daquela igreja, que era São Torquato. Com efeito, o santo cadáver deste prelado é o testemunho mais autêntico que se pode alegar, tanto para provar seu martírio como para deduzir que foi morto a cutiladas. No ano de 1593, com motivo de fazer-se um reconhecimento jurídico de seu santo corpo, existente no mosteiro de Celanova, para enviar à santa igreja de Guadix uma insigne relíquia que solicitou seu digno bispo dom João Afonso

Moscoso, observou-se que na cabeça do santo havia um golpe e nele pegado ainda com o mesmo sangue seco um pedaço do lenço da mortalha. Semelhantes testemunhos não permitem duvidar nem do martírio deste santo nem de algumas de suas circunstâncias. Sucedeu este num campo chamado Faceretama, a légua e meia de Guadix o Velho, em cujo sítio se ergueu depois uma ermida com o nome deste santo mártir. Naquelas imediações há umas cavernas sobre as quais se têm visto muitas noites luzes muito claras e resplandecentes. Refere esta singularidade Diego Pérez de Mesa por estas palavras: «Dizem que São Torquato padeceu martírio num campo que está a duas léguas de Guadix, no qual se vê muitas vezes de noite uma muito grande luz que parece chegar ao céu e se vê de longe muito clara, a qual ninguém pôde explicar, ainda que o tenham procurado muitos. É opinião muito admitida nesta terra que aparece esta luz na mesma parte onde padeceu martírio o glorioso santo; e assim a chamam vulgarmente a lumieira de São Torquato.» Tudo isto convence que, se o santo não padeceu martírio neste preciso lugar, ao menos estiveram ali suas relíquias e seu glorioso sepulcro; obrando o céu tão prodigamente maravilhas com os que iam encomendar-se a sua proteção que, segundo o leccionário Complutense, se faziam participantes delas até os mesmos gentios.

Mantiveram-se em Guadix os sagrados despojos de seu primeiro prelado todo o tempo que durou na Espanha a dominação dos reis godos; mas, invadida esta nação pelos mouros, foi necessário trasladar as relíquias a sítio mais seguro. Não consta certamente o tempo em que se fez esta trasladação; mas, tendo sido Abderramão o perseguidor não somente do nome cristão mas também dos corpos e relíquias que havia nas igrejas e que chamavam santos, como diz o mouro Rasis, é crível que no tempo deste rei ímpio, e por volta dos anos de 777, foram trasladadas as relíquias de São Torquato para defendê-las da fúria do perseguidor. O sítio venturoso que mereceu ser enriquecido com tão precioso tesouro foi a igreja chamada de Santa Columba, sita no bispado de Orense, não longe de um rio chamado Limia, a qual igreja dali em diante se chamou Santa Columba de São Torquato. Era este templo antiquíssimo, feito em forma de cruz, em cujos braços estavam construídas duas capelas, e na que está ao lado da epístola foi colocado o corpo de São Torquato, num sepulcro de mármore branco, de estrutura e grandeza correspondente a seu objeto. Este sepulcro conserva-se ainda ali, mesmo depois de haver sido trasladado São Torquato ao mosteiro de Celanova; concorrendo os fiéis com tanta fé e glorificando Deus seu servo com tantas maravilhas que até os pós do sepulcro bebidos pelo que padece fluxo de sangue o sanam maravilhosamente de sua doença, como afirma havê-lo visto Castela.

Muito perto de dois séculos manteve-se em Santa Columba o santo cadáver, até que, tendo São Rosendo edificado o mosteiro de Celanova, quis honrar sua igreja com os sagrados despojos de São Torquato, trasladando-os da primeira igreja que pertencia a suas possessões. No ano de 1174, achando-se em Celanova o cardeal Jacinto, legado de Alexandre III, quis que se colocassem devidamente as relíquias sagradas que possuía aquele mosteiro; e, tendo mandado construir uma formosa capela, fez que aos dois lados de seu altar se levantassem dois sepulcros sobre quatro colunas e neles se depositassem os dois corpos de São Rosendo e São Torquato. Mais de quatrocentos anos se mantiveram as sagradas relíquias neste estado, até que, tendo-se constituído a Espanha num perfeito estado de paz e sentindo justamente a santa igreja de Guadix ver-se privada de seu primeiro prelado e pastor, solicitou do rei Filipe II que se a fizesse participante de alguma porção insigne daquelas relíquias, para ter o consolo de venerar mais de perto o pai de sua fé. Por esta solicitação obtiveram a meia-cana de um braço e um dedo polegar,

que recebeu aquela igreja com sumo aparato de solenes e devotas festividades, sendo bispo o senhor dom João Afonso Moscoso. Quando se abriu o sepulcro do santo mártir de Jesus Cristo no ano de 1593, achou-se o corpo envolvido num lenço alvíssimo, tão novo como se naquela hora se houvesse depositado. A carne se havia convertido em cinzas; o coração permanecia inteiro, exalando uma suavíssima fragrância; e o crânio estava envolvido num sudário ensanguentado que denotava a magnitude da ferida com que o santo havia padecido martírio. Fez o abade a separação das relíquias que se enviaram a Guadix, ao Escorial e a Santiago; e o demais que ficou foi depositado numa preciosa arca de prata e colocado na capela-mor em frente ao corpo de São Rosendo, no ano de 1601 [^1], onde um e outro são venerados dos fiéis como titulares e padroeiros.

Neste mesmo dia celebra a igreja da Espanha a festa de Santo Indalécio, de cuja vida nada mais se sabe que o que já fica dito dos demais Apostólicos. Por isso omite-se a molesta repetição de uns mesmos feitos, mormente quando no referido achará a piedade cristã todos os motivos que possa desejar para desafogar-se nas efusões mais fervorosas de devoção e gratidão.

Martirológio Romano

Na Espanha, os santos Torquato, Tesifonte, Segundo, Indalécio, Cecílio, Hesíquio e Eufrásio, os quais, tendo sido ordenados bispos em Roma pelos santos apóstolos, foram enviados a pregar a palavra de Deus na Espanha; e, depois de havê-la anunciado em muitas cidades e submetido ao jugo da fé uma multidão inumerável de povos, morreram em paz em diversos lugares deste reino: a saber, Torquato em Guadix, Tesifonte em Béjar, Segundo em Ávila, Indalécio em Urci, Cecílio em Elvira, Hesíquio em Gibraltar e Eufrásio em Andújar.

Em Évora, em Portugal, São Márcio, mártir.

Na ilha de Quios, a festa de Santo Isidoro, mártir. Ainda se vê na igreja que leva seu nome o poço em que se crê foi lançado e cuja água sara frequentemente os enfermos.

Em Lâmpsaco, no Helesponto, os santos Pedro, André, Paulo e Dionísia, mártires.

Em Fausiana, na Sardenha, São Simplício, bispo, que consumou seu martírio sendo traspassado com uma lança, no tempo do imperador Diocleciano e sob o presidente Bárbaro.

Em Clermont, na Auvérnia, os santos mártires Cássio, Vitorino, Máximo e seus companheiros.

Em Brabante, Santa Dimpna, virgem e mártir, filha de um rei da Irlanda, por cuja ordem foi decapitada pela fé de Jesus Cristo e pela conservação da virgindade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos per beatum Torquatum, martyrem tuum atque pontificem, ad agnitionem tui nominis venire tribuisti: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que nos concedestes a graça de que viéssemos a conhecer vosso santo nome por meio de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Torquato, concedei-nos, misericordioso Senhor, que nos alegremos com a proteção daquele cujo nascimento no céu celebramos reunidos. Por Nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Reflexões

Nós, insensatos, julgávamos que sua vida era loucura e seu fim desonrado. Este é o conceito que merecem ao mundo os homens virtuosos, os que, ouvindo as inspirações do Espírito Santo, determinam desprezar as profanas pompas e vaidades, tomar sobre seus ombros a cruz de Jesus Cristo e seguir fielmente seus passos. Os mundanos trocam facilmente os nomes, na proporção em que têm trocadas as ideias. Ao retirado chamam rude e intratável; ao silencioso têm por estúpido; ao que frequenta os sacramentos, por hipócrita; e ao que cumpre todas as obrigações da lei evangélica, por néscio, por imbecil, de juízo e coração minguado. E isto por quê? Porque um homem engolfado nos prazeres do mundo e que olha suas riquezas e seu ventre como sua única deidade é um ateu prático que condena com suas obras todos os ditames da razão e todos os preceitos da religião revelada. Como sua conduta é inteiramente contrária a eles e não pode deixar de amar e aprovar em seu coração esta mesma conduta, é consequente desaprovar todos os exercícios de piedade como contrários e repugnantes aos exercícios mundanos. Por esta causa se ouvem com tanta frequência aquelas cruéis murmurações contra os que, desenganados da vaidade do mundo e arrependidos de seus delitos, abominam para sempre a vida mundana e relaxada e empreendem com constância e fervor outra vida religiosa e devota. Os relaxados olham com riso os piedosos exercícios em que se emprega este cristão arrependido: desaprovam que prefira a moderação e pobreza evangélica à soberba e ao luxo; que queira antes mortificar sua carne com jejuns e cilícios que regalá-la com esplêndidos banquetes; que ache maior delícia em passar as horas chorando os desconcertos de sua vida, prostrado diante do Santíssimo Sacramento num canto de alguma igreja, que em assistir às grandes concorrências e aos espetáculos profanos.

Mas semelhantes juízos e modos de pensar tão próprios da carne e sangue têm em si a recomendação da verdade e da justiça? E deverão causar tal sensação nas almas devotas que as façam envergonhar-se de sua nova conduta e cheguem até retraí-las dos exercícios santos que empreenderam? A divina Verdade, que é Jesus Cristo, dizia a seus discípulos, com uma energia que denotava o desejo de que se gravassem em seu coração, estas notáveis palavras: *Sabei, discípulos meus, que o mundo vos aborrece porque não sois de seu partido; se o fôsseis, ele vos amaria como a coisa sua; mas, por quanto pertenceis a Deus e aborreceis as obras mundanas, por isso também o mundo vos aborrece a vós. Mas sirva-vos de consolo o saber que primeiro me aborreceu e perseguiu a mim; e não é razoável que pretenda o discípulo ser mais que seu mestre.* Estas palavras da divina Sabedoria encarnada, ao passo que explicam a origem da perseguição contra os bons, servem a estes de grande consolo para não desmaiar nunca no caminho da virtude.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e o mesmo que o do dia 7.

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum,

> ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Sobre a perfeição da lei evangélica

Primeiro ponto

Considera que a lei instituída por Jesus Cristo e promulgada pelos varões apostólicos, à qual se te manda arranjar todas as tuas ações, é a lei mais justa que puderam estabelecer jamais os mais sábios legisladores.

Sob qualquer ponto de vista que olhes a lei do Evangelho, acharás que todos os seus preceitos são justos e regrados à razão. Prescreve uma profunda submissão ao Ser supremo, criador de todas as coisas e remunerador das obras segundo seu mérito. A este Ser incompreensível manda que se lhe tribute o culto interior e exterior em sinal de seu supremo domínio. Para este efeito, na mesma lei se dignou o Senhor revelar-nos grande multidão de profundos mistérios que, ao passo que testificam a infinita bondade e grandeza de Deus, confundem e humilham o homem, demonstrando os curtos alcances do entendimento humano. Porque, se Deus não o houvesse revelado, em que imaginação poderia caber o mistério da Trindade, os arcanos da predestinação e, sobretudo, aquele excesso de caridade com que de tal maneira amou Deus ao mundo que fez que seu Filho unigênito tomasse carne mortal para servir de preço pelo mesmo mundo? A este culto e

submissão ao Ser supremo junta a lei evangélica os preceitos mais oportunos para conservar os povos na obediência a seus soberanos e na paz mais tranquila entre si mesmos. Manda que se olhem aqueles que estão sentados no trono como uns representantes de Deus na terra; que se venerem suas leis e que se cumpram seus preceitos. A reverência, o respeito, os tributos e quantos auxílios podem ser necessários para conservar o supremo domínio, tudo isto manda dar a lei evangélica aos príncipes e imperadores legítimos; em tanto grau que até o mesmo Jesus Cristo, sendo rei de reis e supremo senhor de todos os impérios, não se desdenhou de pagar o tributo a César sempre que lhe foi exigido. Se se voltam os olhos aos preceitos que conduzem para a tranquilidade das nações e para a felicidade dos homens entre si mesmos, achar-se-á que só o preceito do amor do próximo contém em si as instituições mais oportunas que pode produzir a sã filosofia e os meios mais brandos e seguros que pode achar a política mais refinada. Só com amar-se os homens mutuamente como a si mesmos, cessariam todos os delitos e converter-se-ia a terra numa mansão de paz e de bem-aventurança. O que ama a seu próximo deseja sua felicidade, estima tudo quanto lhe pertence; não lhe invejará o gozo de todos aqueles bens de que o fez dono a divina Providência; jamais abrigará em seu peito o iníquo pensamento de denegrir sua honra, de menoscabar sua fortuna e muito menos de pôr violentas ciladas a sua vida. Por conseguinte, se se guardasse esta lei exatamente, viveriam os homens como irmãos, e sua vida teria já princípios daquela tranquilidade, paz e doçura de que gozam os bem-aventurados.

Tudo isto se percebe com maior claridade comparando a lei evangélica com as que estabeleceram os legisladores profanos e até com a lei que promulgou Moisés por mandado do próprio Deus. Na dos humanos legisladores encontra-se tal monstruosidade de iníquos preceitos que o temor de que cause sua narração escândalo às almas dita prudentemente que se cubram com o véu do silêncio. Basta saber que o homicídio, o adultério, o roubo e outros delitos nada inferiores a estes acharam lugar nos códigos de alguns legisladores. No que toca à lei de Moisés, é bem sabido que o mesmo Jesus Cristo disse que tinha alguns preceitos que somente podia justificar a dureza de coração de um povo carnal. Dirigia-se principalmente a preparar e dispor os homens para a lei evangélica, a qual, ainda que acomodada à debilidade da natureza humana, com tudo isso mira a santificação do espírito com tanta escrupulosidade que não somente proíbe os pecados, mas os pensamentos desonestos e os desejos perigosos. Com quanta razão deves exclamar com o inspirado autor dos Provérbios: Vossos mandamentos, Senhor, são para mim uma tocha, vossa lei uma luz resplandecente e vossas proibições o caminho seguro para conduzir minha vida!

Segundo ponto

Considera que a lei que recebemos dos primeiros padres de nossa fé não somente é justíssima, mas muito suave, muito útil e fáceis de executar seus preceitos.

Se se compara com a lei antiga, desde logo sobressai a preferência do Evangelho em sua execução sobre a dificuldade e dureza daquela. Uma só consideração bastará para manifestar esta verdade. Nada deseja mais o homem a quem o uso da razão fez conhecer os erros e extravios de sua vida que a facilidade de poder expiar seus delitos e reconciliar-se com seu Deus ofendido. Isto não o podiam conseguir na lei antiga nem sequer os mesmos patriarcas senão por um ato heroico de caridade ou de contrição perfeita: nenhum outro meio tinham para poder alcançar o perdão da

culpa e a remissão da pena. Mas na lei de graça teve cuidado nosso divino Legislador de instituir o sacramento da penitência, no qual, ainda que nossas lágrimas não nasçam de um perfeitíssimo pesar de nossas culpas, está o sangue de Jesus Cristo, que supre os defeitos de nossa caridade e apaga os pecados como se nunca houvessem sido cometidos. Fora disto manifesta-se a facilidade da lei de graça pela conformidade que têm seus preceitos com os regrados ditames da razão. Se te manda o Evangelho dar culto a Deus, amar teu próximo, honrar os maiores, olhar com respeito as possessões de teu irmão e, por último, não querer para outro senão aquilo mesmo que em iguais circunstâncias queres que seja praticado contigo; tudo isto o prescreve a mesma razão natural quando não está obscurecida ou dominada pelas paixões.

Mas ainda se descobre mais a doçura e facilidade dos preceitos evangélicos se se faz uma ligeira comparação com as leis do mundo. Este é um cruel tirano, inexorável acerca da observância de suas durísimas leis. Diga o avarento quantos desvelos, quantas fadigas, quão penosos trabalhos não tem que sofrer para adquirir umas riquezas que se desvanecem como o fumo! Diga o cortesão quanta repugnância encontra em sujeitar-se às leis da mentira, da adulação e da lisonja! Quão duro lhe é ter que inclinar a cabeça e tratar com respeito um homem soberbo a quem interiormente olha com desprezo! Digam finalmente os que vivem entregues às delícias e passatempos do mundo quantas amarguras lhes faz sofrer a assistência aos espetáculos; quantas moléstias e privações o sustentar um excessivo luxo; quantos ciúmes, invejas e até desesperos o seguir aquele mundano amor em que pensam encontrar deleites inesgotáveis! O infeliz que uma vez se decidiu a viver segundo as leis do mundo jamais vê o rosto à paz e à tranquilidade; vive ansioso e sobressaltado; não goza das naturais delícias que oferece uma família bem regrada. A todas as horas e em todos os momentos o perseguem os remorsos de sua consciência; nem sua saúde nem sua fortuna podem sobrelevar o desregramento de suas obras; é verdadeiramente um homem desventurado e por fim tem que padecer para com os demais mundanos o enrubescimento de ouvir que não é um exato observador das leis do mundo. Mas aquele que vive segundo as leis do Evangelho, que paz tão doce sente em sua alma! Que tranquilidade observa em sua consciência! Que de inocentes delícias encontra no cumprimento de suas obrigações! Que gosto tão sublime no trato com Deus, na contemplação de seus divinos atributos e na imitação das heroicas virtudes em que resplandeceram seus servos!

Sob qualquer aspecto que se apresente a seus olhos a lei evangélica, precisamente há de confessar que não somente é justa e santa, mas branda em seus preceitos, fácil na execução e proveitosa em seus frutos. Mas eu o considero assim? Submeti-me até agora ao jugo suave do Senhor? Não quis antes carregar sobre meus ombros o duro peso das leis do mundo? Ó Deus meu! Se se atende às obras e exercícios que até aqui ocuparam minha atenção, pareço em vossa presença como um homem cego que tem andado continuamente por despenhadeiros e precipícios, apartado do verdadeiro caminho; eu segui as leis do mundo, obedecendo cegamente a iniquidade de seus preceitos. Sentia em meu coração um acíbar que enchia de amargura todas as minhas delícias e não conhecia que isto mesmo era um efeito de vossa divina graça, o contraveneno que pusestes nos gostos mundanos para que se apartem deles os filhos dos homens.

Vós, Senhor, me abristes os olhos. Conheço a justiça, santidade e doçura de vossas santas leis e espero, com vossa divina graça, que daqui em diante hão de ser elas o único jugo suave a que esteja submetido meu pescoço.

Jaculatórias

> *Lex Domini immaculata convertens animas.* Sl 18.

A lei do Senhor é santa e imaculada e converte as almas.

> *Non erubesco evangelium: virtus enim Dei est in salutem omni credenti.* Rm 1.

Daqui em diante não terei vergonha de praticar as leis do Evangelho, porque nele reside a virtude de Deus e toda felicidade para aquele que o crê e o pratica.

Propósitos

1. A lei evangélica é o compêndio de todas as leis; e assim cumprir o Evangelho não é outra coisa que encher todas as medidas da justiça. Isto se verifica não somente a respeito do complexo de toda a lei, mas até a respeito daqueles preceitos que nela se têm por principais. São Paulo assegura que todo o cumprimento da lei consiste na caridade; e, escrevendo aos da Galácia, volta a confirmar o que havia escrito aos romanos, dizendo estas palavras: *Toda a lei se reduz a estes poucos termos: Amarás a teu próximo como a ti mesmo.* O mesmo se deduz do exame de qualquer outro dos preceitos de Jesus Cristo. Um deles é o que diz: que o verdadeiro cristão há de negar-se a si mesmo, há de tomar sobre seus ombros a cruz que pôs sobre eles a divina Providência e há de seguir as pisadas de seu mestre e legislador. Não tem dúvida que o preceito da caridade, recomendado pela natureza, tem tal conexão com a abnegação de si mesmo que não se pode observar um sem cumprir exatamente o que prescreve o outro. Tudo o que convence a perfeição de nossa lei e a infinita sabedoria de seu legislador. Por isso Santo Agostinho assegura que não há lei que contenha preceitos mais sábios nem mais fáceis de executar nem que produzam tantas felicidades naquele que os observa como a lei evangélica. Convencido desta verdade e ilustrado teu coração com as luzes da graça, é justo que deponhas os enganos da vida passada e proponhas firmemente viver daqui em diante segundo a lei a que te sujeitaste no batismo.

2. Aborrece com todo o teu coração as leis iníquas a que quer sujeitar-te o mundo: conhece que todas elas não se dirigem a outra coisa que a fazer-te eternamente desventurado. Ainda nesta vida te tem acreditado a experiência que nada te produziram senão sobressaltos e amarguras: no sucessivo não podes esperar que produzam outros efeitos. Se até aqui viveste enganado e infeliz, enganos e infelicidades podes prometer-te no sucessivo. Pelo contrário, se te determinas a seguir exatamente as leis do Evangelho, terás por fruto a paz e tranquilidade da vida, a estima e honra das pessoas sensatas, a amizade de Deus e de seus santos e, por último, aquela firme esperança

de felicidade que te fará olhar a morte como um sono e a vida como um estorvo que te impede a visão beatífica para que estás destinado. A razão, a natureza, a graça, o exemplo de teus irmãos e até tua mesma experiência te devem ter convencido de tudo isto. Infeliz de ti se, desprezando as inspirações e as luzes que te comunica o Espírito Santo, abandonando as convicções que neste instante sente teu coração e fechando os olhos às luzes da verdade e da justiça, persistes em teus erros antigos, preferindo à lei de Deus as leis do mundo e vivendo segundo suas perniciosas máximas. A maldição de Deus te seguirá em todas as tuas operações; experimentarás nesta vida o justo castigo que tem decretado o céu contra os que põem a mão no arado e voltam atrás em seu caminho; e por complemento de tua infelicidade olharás a morte como um princípio de dores intermináveis.

[^1]: O OCR traz «4601»; lê-se 1601.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:12 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:12 by Admin